

A PSICOLOGIA EXISTENCIAL HUMANISTA COM VIÉS NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Utzig, Antonia Angelina Basanella ¹
antonia.utzig@faest.edu.br

RESUMO: O presente artigo traz como objetivo a base teórica sobre a psicologia existencial humanista com ênfase na abordagem centrada na pessoa, tendo como contribuição teórica principal Carl Rogers, levado em consideração os demais teóricos utilizados. Desse modo a pesquisa é de cunho bibliográfico visando os conceitos dos teóricos sobre a abordagem. No decorrer de seu pensamento o conceito evoluiu de apenas um estado para um processo, sendo mais do que apenas uma atitude, mas uma compreensão empática, que está muito além de uma compreensão do senso-comum. Conclui-se que a visão de Rogers trouxe um novo olhar para a Psicologia, no sentido de acreditar que o indivíduo tem um potencial para a mudança.

Palavras chaves: Psicologia. Humanista. Abordagem Centrada na Pessoa

RESUMEN: O presente artigo tem como objetivo apresentar a base teórica da psicologia existencial humanista com ênfase no Abordo Centrado na Pessoa, tendo como principal contribuição teórica a Carl Rogers, sem deixar de considerar outras teorias relevantes utilizadas no estudo. Deste modo, a investigação é de caráter bibliográfico e centra-se nos conceitos propostos por estes teóricos sobre esta abordagem. Ao longo de seu desenvolvimento, o conceito evoluiu para ser um estado estático para um processo dinâmico, convertendo-se em mais que uma atitude: uma compreensão empática que transmite o entendimento comum. Concluiu-se que a perspectiva de Rogers ofereceu uma nova visão para a Psicologia, baseada na crença de que cada indivíduo possui um potencial inerente para a mudança.

Claves de palabras: Psicologia. Humanista. Enfoque centrado en la Persona

1 INTRODUÇÃO

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) é resultado do trabalho desenvolvido por Carl Rogers ao longo de toda a sua vida produtiva em Psicologia, na qual está inserida a Terapia Centrada na Pessoa (TCC). De acordo com Amatuzzi (2010, p. 23), “em última instância, ela não se justifica como uma técnica e sim, como uma ética: uma ética das relações humanas (interpessoais, comunitárias, sociais, políticas)”. Por meio dos estudos e inquietações surgidos no processo acadêmico o tema escolhido para a elaboração dessa pesquisa foi “a psicologia

¹ Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Educação Superior de Tangará da Serra-MT

existencial humanista com viés na abordagem centrada na pessoa, trazendo como problemática, “de que forma o Abordagem Humanista - ACP contribui para o desenvolvimento do ser humano?”

Diante desse questionamento, presume-se que a abordagem humanista ACP trata o ser humano como o centro da terapia, pois o terapeuta diante do processo de terapêutico, vem a ser apenas o mediador do contexto, deixando que o cliente seja o protagonista da sua vida e que consiga direcionar seus caminhos.

O presente artigo traz como objetivo a base teórica sobre a psicologia existencial humanista com ênfase na abordagem centrada na pessoa, aja vista que a abordagem Centrada na Pessoa é considerada uma das correntes identificadas com a Terceira Força em Psicologia ou Psicologia Humanista. Partindo do pressuposto sobre o que é a natureza do ser humano e o conhecimento produzido por ele.

Para a elaboração desse trabalho utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica sistemática realizada no site de publicação acadêmica Google Acadêmico: como artigos, dissertações teses e livros publicado sobre o tema proposto no artigo e com base na ACP. Esse embasamento teórico nos possibilitará uma revisita às fases da Abordagem Centrada na Pessoa.

Rogers (1997), discorre que na perspectiva humanista há uma nova visão do ser humano por considerar suas potencialidades e características conscientes e subjetivas, em que a pessoa pode fazer emprego de seus próprios recursos e potencial como possibilidade de desenvolver a consciência para um maior reconhecimento de si enquanto pessoa, e assim fortalecer sua identidade.

Corroborando desse pensamento, Papalhia (2006, p. 47) afirma que “o campo do desenvolvimento humano se constitui do estudo científico de como as pessoas mudam, bem como das características que permanecem razoavelmente estáveis durante toda a vida”.

Essa complexidade e abrangência da teoria Rogeana permeia a perspectiva do desenvolvimento humano promovendo o processo de construção contínua que se estende ao longo da vida dos indivíduos.

Diante dessa contextualização justificamos a importância de abordar o assunto sobre o desenvolvimento do ser humano à luz da psicologia humanista centrada na pessoa. Sua importância acadêmica permeia os conhecimentos sobre as abordagens humanistas e o amadurecimento enquanto futuro profissional da área, trazendo a mesma importância para a comunidade geral, pois cada membro em busca de orientação psicológica, se encontra com seu próprio *self*, e, conhecendo a si mesmo, torna-se protagonista de sua própria história.

Para a elaboração desse trabalho tem-se com arcabouço teórico principal ROGERS, Carl; PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, e outros autores que corroboram com a abordagem e

nos auxiliam na construção teórica do mesmo.

O artigo se divide em três partes: a primeira delinearemos a teoria humanista existencial com viés da abordagem centrada na pessoa; em um segundo momento as fazes do desenvolvimento humano a luz da psicologia; e, finalizando com as considerações sobre a evolução do ser humano na perspectiva da psicologia existencial humanista, tecendo algumas considerações a respeito da importância para os pesquisadores e do desenvolvimento humano para a compreensão da plasticidade do indivíduo quanto às possíveis trajetórias de desenvolvimento.

2 PSICOLOGIA EXISTENCIAL HUMANISTA

O desenvolvimento inicial da psicologia humanista foi fortemente influenciado pelos trabalhos de alguns teóricos, como Abraham Maslow e Carl Rogers, na década de 1950. Essa corrente da psicologia passou a ser entendida como existencialismo, e este como um conhecimento da existência do homem no mundo, sendo considerada fundamental para o homem, tais como a liberdade, responsabilidade e a angústia (JAPIASSU; MARCONDES, 1990 Apud GOBBI; MISSEL, 1998).

Conforme Maia (2020), o existencialismo é compreendido como um pensamento filosófico sobre o homem, de modo que é entendida como estudo da existência cuja ideia seria a compreensão das dimensões estáveis. Complementando a fala de Maia, Giovanetti (2005) diz que existem duas grandes características da filosofia da existência. A primeira é que os filósofos e os escritores valorizam o homem, e a segunda é que todos procuram descrever de uma maneira sucinta o modo de viver do homem, refletindo os problemas do seu cotidiano. Como exemplo, tem-se a angústia, liberdade, etc

Etimologicamente, humanismo significa tudo aquilo que se volta para o humano, sendo que a teoria humanista enfatiza as relações interpessoais na construção da personalidade do indivíduo.

Durante os anos de 1902 a 1987 estudos e vivências de Carl Rogers, o levaram a ser considerado por seus entusiastas Kirschenbaum, D. Smith, John K Wood e Kaplan como o mais influente teórico no campo das teorias humanistas e da personalidade, também chamada de terceira força em Psicologia.

Sendo assim a corrente de Rogers ficou conhecida como humanista, porque, em acentuado contraste com a teoria freudiana, ela se baseia numa visão otimista do homem.

Em tese Rogers define sua terapia como não-diretiva e sim centrada no cliente. Ele usa

a palavra cliente, pois paciente dá uma conotação de pessoa doente, e doente são pessoas acamadas, e no caso da psicologia o cliente possui todos os recursos para sanar seus problemas e conflitos internos e externos, e nessa abordagem o psicólogo torna-se o mediador desse movimento, conduzindo para o sucesso do tratamento.

Corroborando com alguns autores que a existência humana envolve pessoas e fatos reais, Rogers e Wong (2004), apresentam que a psicologia existencial é a psicologia da existência humana com toda a sua complexidade e paradoxos.

Mas, para Forguieri (2002), o foco desta abordagem psicoterápica é possibilitar o autoconhecimento e a autocompreensão, visando a resolução de conflitos e somatizações, propiciando a produção de uma consciência de si mesmo e uma abertura do ser às possibilidades de autorrealização.

Permeando as teorias da psicologia humanista, Bruns traz como abordagem a psicologia fenomenológica, explicando que:

A fenomenologia possibilitou à psicologia uma nova postura para inquirir os fenômenos psicológicos: a de não se ater somente ao estudo de comportamentos observáveis e controláveis, mas procurar interrogar as experiências vividas e os significados que o sujeito lhes atribui, ou seja, o de não priorizar o objeto e/ou sujeito, mas centrar-se na relação sujeito objeto-mundo (Bruns, 2001, p. 63).

Segundo a citação exposta percebe-se que a psicologia fenomenológica é considerada uma disciplina que estuda as relações entre consciência empírica e transcendental. É um método que utiliza a fenomenologia para auxiliar nas práticas de psicologia.

Segundo Diniz; Lopes e Silva (2008) a fenomenologia é uma orientação do pensamento europeu, a qual submeteu a concepção positivista a uma crítica radical do que se apresenta ao ser. O termo fenomenologia significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, buscando explorá-lo.

Husserl² (2006) tinha em vista, a todo momento, a subjetividade transcendental, correspondente à tarefa da investigação fenomenológica da constituição de toda validade ôntica³. Ele ainda se referia a fenomenologia enquanto ciência, como um método e uma atitude intelectual, qual seja um método especificamente filosófico.

O enfoque fenomenológico compreende o humano enquanto ser no mundo, na situação de estar lançado sendo presente e presença. A presente abordagem possibilita-nos, ser no modo do crescimento pessoal e profissional, sobretudo à compreensão do ser, em sua subjetividade

² Fundador da Fenomenologia. Nasceu a 8 de abril de 1859 em Prossnitz, Moravia, no então Império Austríaco, hoje Prostějov, na República Checa, faleceu em 27 de abril de 1938, em Freiburg im Breisgau, na Alemanha.

³ É existência física, real e factual. Refere-se à dimensão concreta e específica e local do ente.

enquanto ser existencial, valorizando-o e se permitindo ser presença no lidar com-o-outro, considerando-o em sua vivência, a seu modo, o ser em si.

Uma vez que cada filósofo existencial defende uma ideia que lhe é adequada, existe algo em comum entre eles, que é compreender e explicar a existência humana.

2.1 Abordagem Centrada na Pessoa

A abordagem centrada na pessoa foi desenvolvida em 1940 pelo psicólogo Carl Rogers. Tal abordagem inclui-se de um princípio onde todo indivíduo tem uma capacidade de se autodisciplinar, de ter o controle de si mesmo desenvolvendo mecanismos de satisfação em diversas situações de sua vida. Também versada como terapia centrada na pessoa, ela busca estimular e expor a tendência humana de autoatualização das pessoas. Ainda nessa época, ainda segundo Rogers, consolida uma nova proposta teórica de psicoterapia, nomeando-a de psicoterapia não-diretiva, um aconselhamento não diretivo fazendo jus a distinta experiência subjetiva do indivíduo

No início da abordagem com a denominação de “Não-diretiva”, a priori seria a proposta pautada nos conceitos do “impulso individual para o crescimento e para a saúde”. Os aspectos de maior ênfase seriam os sentimentos do cliente, não considerando somente a dimensão intelectual a nível cognitivo. Dessa forma, “o que é abordado como essência é a vivência presente do indivíduo (aqui e agora) e não o passado, bem como possui um maior interesse no sujeito e não no problema em si, ou seja, a patologia”. (MOREIRA, 2010, p. 2)

Segundo Carrasco (2019), entre os princípios da Abordagem Centrada na Pessoa estão a crença de que todo ser humano pode se desenvolver e se atualizar de maneira autônoma, se melhorando e superando obstáculos⁴. Nesse sentido o papel do psicoterapeuta é apenas permitir que a pessoa siga seu desenvolvimento, em seu ritmo.

A abordagem centrada na pessoa deve ser considerada segundo Rogers como um jeito de ser (GOBBI; MISSEL, 1998).

A abordagem centrada na pessoa não é uma teoria, uma terapia, uma psicologia, uma tradição. Não é uma linha, como por exemplo, a linha behaviorista. Embora muitos tenham notado posicionamento existencial em suas atitudes, e outros tenham se referido a uma perspectiva fenomenológica em suas intenções, não é uma filosofia. Acima de tudo não é um movimento, como por exemplo, o movimento trabalhista. É meramente uma abordagem, nada mais, nada menos. É um jeito de ser. (WOOD, 1994: III *apud* GOBBI; MISSEL, 1998, p. 13-14).

A abordagem centrada na pessoa é mais que uma teoria, ela é um jeito de ser, uma forma

⁴ <https://www.ex-isto.com/2019/04abordagem-centrada-pessoa.html>

de facilitar a relação de acolhida, iluminando a livre autoexpressão dos anseios de quem se conecta com um ser centrado na pessoa.

2.1.1 Os princípios

A denominação Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) foi proposta por Rogers na década de 70, passando a ser utilizada desde então. É uma abordagem que se diferencia das demais sob diversos aspectos, mas sobretudo por não haver uma técnica específica. Na ACP acreditamos que a melhor maneira de se tentar ajudar alguém é confiar na condição natural de pensar, sentir, buscar e se direcionar no caminho de suas necessidades, uma maneira muito além das psicoterapias e pode ser utilizada em todas as relações de ajuda humana de forma geral (CARRENHO; TASSINARI; PINTO, 2010).

Os principais conceitos da Abordagem Centrada na Pessoa são: tendência atualizante, congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática. A tendência atualizante é o conceito central desta abordagem, e Rogers considera que todo ser humano possui uma força interna para o desenvolvimento de suas potencialidades que é intrínseca ao ser.

2.1.2 Tendência atualizante

O conceito de tendência atualizante é um fundamento central na abordagem centrada na pessoa, e caracteriza-se por ser uma capacidade inerente em todo o ser vivo, para buscar o que é melhor para si. Nem sempre é algo bom, ou positivo, pois afinal o que é bom para uns pode não ser bom para outro. Mediante essa premissa compreendemos que a atualização é algo inerente à existência. A cada momento estamos nos atualizando, e buscando formas ou maneiras de sobrevivência mediante nosso contexto de vida.

O conceito de Tendência Atualizante é: todo organismo é movido por uma tendência inerente a desenvolver todas as suas potencialidades e a desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento. Observemos que a tendência atualizante não visa somente a manutenção das condições elementares de subsistência como as necessidades de ar, de alimentação, etc. Ela preside igualmente, atividades mais complexas e mais evoluídas tais como a diferenciação crescente dos órgãos e funções, a revalorização do ser por meio de aprendizagens de ordem intelectual, social, prática..." (ROGERS; KINGET, 1977, p. 159-160 apud GOBBI; MISSEL, 1998, p. 144).

Conforme a citação podemos ver que a tendência atualizante se evidencia através do comportamento de que direciona manter e nutrir o organismo ao crescimento e

desenvolvimento.

Sendo a tendência atualizante o principal conceito da Abordagem Centrada na Pessoa, este vem a ser o impulso e a capacidade, latente ou manifesta, do indivíduo compreender a si mesmo, resolver seus próprios problemas e alcançar um funcionamento adequado. Inerente a todo ser humano, essa tendência é limitada apenas por lesões, conflitos ou violações persistentes ao “eu”. Ou seja, a manifestação plena dessa capacidade requer um contexto de relações humanas desprovidas de ameaças às concepções que o indivíduo faz de si mesmo (KINGET, 1977)

Segundo Rogers (1977, p. 160), a tendência à realização implica uma proposição fundamental, qual seja, “é importante observar que a noção de tendência atualizante é o postulado fundamental de nossa teoria e que esta tendência se manifesta pelo organismo em sua totalidade, e unicamente em sua totalidade”.

Desta forma, podemos compreender a tendência atualizada como um princípio central na concepção de ser humano no pensamento de Carl Rogers. Trata-se de uma força intrínseca que nos impulsiona na direção à realização de nossos potenciais mais elevados. Essa motivação abrange não apenas a satisfação de necessidades básicas, como a fome, mas também a expressão emocional peculiar e a simplicidade de si mesmo. Todas essas ações convergem para o objetivo maior de atualizar, manter e aprimorar o

Entretanto, uma manifestação plena de tendência atualizada requer condições específicas. No contexto de um relacionamento, por exemplo, é essencial a presença de congruência (autenticidade), empatia (compreensão profunda) e consideração positiva incondicional (aceitação sem julgamentos). Somente nesse ambiente favorável é possível fomentar o crescimento psicológico e promover o desenvolvimento pleno do self.

2.1.3 A Congruência

Rogers (1991) usa o termo autenticidade como sinônimo de congruência. Segundo Rogers ser congruente em uma relação significa ser uma pessoa integrada, com a sua experiência real acuradamente representada em sua consciência. A pessoa está congruente quando ela está sendo livre e profundamente ela mesma, quando está vivenciando abertamente os sentimentos e atitudes que estão fluindo de dentro dela. Ser congruente, portanto, significa ser real e genuíno.

Significa também um alto grau de efetividade na relação com cliente, implica em forma de terapia livre, onde o indivíduo sente-se liberto e profundamente ele mesmo, com suas experiências e vivências se conscientizando de si mesmo.

Segundo Wood (1983), congruência ou autenticidade, é descrita como o grau de correspondência entre o que o terapeuta experiencia e o que comunica ao cliente, sendo ele mesmo na relação terapeuta-cliente. Rogers explica a palavra “Congruência” ligada ao terapeuta:

Com a palavra congruência queremos dizer que os sentimentos que o conselheiro está vivenciando são acessíveis à sua consciência, que é capaz de viver estes sentimentos, senti-los na relação e capaz de comunicá-los, se isso for adequado. Significa que entra num encontro pessoal direto com o cliente, encontrando-o de pessoa para pessoa. Significa que é ele que não se nega. Ninguém atinge totalmente esta condição, contudo, quanto mais o terapeuta é capaz de ouvir e aceitar o que ocorre em seu íntimo, e quanto mais é capaz de, sem medo, ser a complexidade de seus sentimentos, maior é o grau de sua congruência” (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 105 apud ROSENBERG, 1987, p. 49).

De acordo com a exposição de Rogers podemos entender que a pessoa está congruente quando está profundamente sendo ela mesma, tendo total liberdade em vivenciar abertamente os sentimentos e atitudes que estão fluindo internamente.

A terapia só acontece quando a congruência é a assimilada por ambas partes, terapeuta e cliente. Para isso, é necessário que o terapeuta aceite e compreenda os sentimentos, experiências e ações de maneira genuína.

2.1.4 Compreensão empática

A empatia tem sido normalmente definida como a capacidade psicológica que permite, de uma forma aprofundada e íntima, a compreensão de ideias, sentimentos e motivações de outras pessoas.

Rogers definiu compreensão empática como uma “capacidade de se emergir no subjectivo do outro e de participar na sua experiência, na extensão em que a comunicação verbal ou não verbal o permite. É a capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, e de ver o mundo como ele o vê” (Kinet & Rogers, 1977, p. 104.). Enfatizando sua fala, Carl Rogers afirma que empatia é "Captar o mundo particular do paciente como se fosse o seu próprio mundo, mas sem nunca esquecer esse carácter de "como se" - é isso a empatia [...]".

Diante do exposto e levando em consideração os conceitos definidos por Rogers percebe-se que a empatia vem ser uma capacidade afetiva de compreensão e compartilhamento de sentimentos do outro, e uma capacidade cognitiva de compreender pontos de vista e perspectivas alheios. Sendo assim uma maneira de olhar para o outro e conseguir se ver nele, com os seus significados e componentes emocionais, sem, contudo, perder a condição de “como se”, fosse um espelho convexo, que reflete e compreende o que lhe é emitido e devolvendo de

forma que ele se identifique com o que é retransmitido.

2.1.5 Consideração positiva incondicional

A consideração positiva incondicional ou aceitação positiva incondicional segundo Rogers se apresenta através da afeição, da estima profunda e autêntica pelo outro, pela crença de que o próximo merece respeito e consideração, independentemente de sua condição, seus sentimentos ou seu comportamento. Em outras palavras uma afeição, da estima e autenticidade pelo outro, pela crença de que o próximo merece respeito e consideração, independentemente de sua condição, seus sentimentos ou comportamento.

De acordo com Rogers (1961, apud Silva Pinto, 2020), a verdadeira consideração pelo outro envolve aceitá-lo plenamente em sua experiência única, abrangendo seus sentimentos, pensamentos e atitudes, independentemente de quais sejam. Essa transparência verdadeiramente não implica necessariamente concordância, mas sim a disposição de enxergar e respeitar o outro como ele é, criando um espaço de segurança e liberdade para que ele explore e compreenda a si mesmo. Ao postular a necessidade de consideração positiva, ele estabelece sua gênese da seguinte forma: com a emergência da consciência do eu, desenvolve-se, no indivíduo, uma necessidade de perceber suas experiências, fazendo uma diferença positiva, no campo experiencial de outros (Standal, 1954).

Rogers (1991), ressalta que a consideração positiva incondicional implica um cuidado não-possessivo, uma forma de apreciar o outro como uma pessoa individualizada a quem se permite ter os seus próprios sentimentos, suas próprias experiências.

3 O DESENVOLVIMENTO HUMANO E A PSICOLOGIA

Desenvolvimento humano é uma área de conhecimento da psicologia que estuda o ser humano em todos os seus aspectos: físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social – desde o nascimento até a velhice. Em outras palavras é um assunto muito amplo e complexo, pois cada ser humano é único e se desenvolve de forma diferente, cada um tem suas peculiaridades, seus gostos, suas crenças, seus amores e opção de vida.

Biaggio (1978) argumenta que a especificidade da psicologia do desenvolvimento humano está em estudar as variáveis externas e internas aos indivíduos que levam as mudanças no comportamento em períodos de transição rápida (infância, adolescência e envelhecimento)

Moura e Pereira (1984) trazem em seu artigo a teoria de Rossetti Ferreira, Dessen e Costa Junior sobre o desenvolvimento humano. A determinação conceitual do desenvolvimento é:

Segundo Rossetti-Ferreira (2008), interliga-se diretamente à diversidade dos significados que emergem da articulação dos aspectos vinculados a uma multiplicidade de pessoas em interação em um mesmo contexto. Assim, o desenvolvimento humano representa, conforme Dessen e Costa Júnior (2008), uma constante reorganização inserida nos limites de determinado espaço-tempo que ocorre na efetivação de atitudes, percepções e interações com diferentes sujeitos.

Papalia (2006) destaca que o desenvolvimento humano é, em essência, o estudo científico das transformações que ocorrem nos indivíduos ao longo da vida, assim como das características que permanecem constantes. Trata-se de um processo contínuo que envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Nesse contexto, a psicologia exerce um papel central, fornecendo teorias e métodos que ajudam a compreender como os indivíduos evoluem e se modificam ao longo deles.

De acordo com Papalia e Feldman (2013), o desenvolvimento humano ocorre em diferentes estágios, desde a infância até a velhice, sendo influenciado por fatores biológicos, ambientais e culturais. Nesse contexto, a psicologia do desenvolvimento busca investigar os processos que afetam o comportamento humano em cada etapa da vida.

Em consonância com Papalia, Carl Rogers (1981) ressalta que é a forma como o indivíduo percebe a realidade, e não a realidade objetiva, que orienta sua experiência. Nessa perspectiva, o mundo subjetivo de cada pessoa é digno de total respeito e compreensão. Para entender o comportamento humano de maneira sincera, é essencial considerar tanto a experiência subjetiva do indivíduo quanto o contexto em que ele está inserido, confirmando sua unicidade e o significado que ele atribui à sua vivência.

Para a compreensão do desenvolvimento humano também se faz necessário entender um pouco sobre a psicologia vigotskiana, visto que ela considera que as funções psíquicas são formadas na relação dialética do sujeito com a cultura e a sociedade. Essa relação acontece tendo como mediadores, ou seja, como pontes entre indivíduo e meio, os instrumentos e os signos, que são construídos culturalmente. Para Vygotsky (1991), o desenvolvimento era inseparável do ambiente social de um indivíduo. Isso porque a cultura e a sociedade são o que transmite formas de comportamento e organização do conhecimento.

Sendo assim, o ser humano se compõe através da intercessão das palavras, por meio das quais ele internaliza os valores, as ideias, os costumes, os comportamentos, enfim os modos de ser e de pensar de uma cultura. Nessa internalização, ele vai transformando aquilo que são informações produzidas socialmente, em aspectos seus, ou seja, ele vai, a partir do meio

externo, edificando suas funções psicológicas superiores.

Desta forma, a capacidade do indivíduo de julgar o que é certo ou errado, adequado ou inadequado, ético ou antiético, honesto ou desonesto, verdade ou mentira etc, está relacionada diretamente aos estágios do desenvolvimento do pensamento (PIAGET, 1967).

Assim, o desenvolvimento humano é um campo interdisciplinar que continua a evoluir, integrando novas descobertas e abordagens para compreender a complexidade do comportamento humano. A psicologia, ao estudar as mudanças e continuidades ao longo da vida, contribui significativamente para o aprimoramento de práticas educacionais, terapêuticas e sociais

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers, se insere no campo humanista da Psicologia, valorizando o potencial de cada indivíduo para o desenvolvimento de si mesmo a partir de suas próprias experiências. Esse modelo enfatiza que a construção de uma relação genuína e empática é fundamental para promover o crescimento pessoal, possibilitando uma vida mais autêntica e satisfatória

Este estudo reforçou a importância de se ampliar o olhar sobre as múltiplas e diversificadas formas de compreender o desenvolvimento humano, destacando a necessidade de novas pesquisas que aprofundem essa temática. Reconhece-se que cada ser humano, em sua singularidade, possui condições específicas para amadurecimento, transformação e crescimento em diferentes esferas da vida.

A ACP permite que o cliente seja ele mesmo, sem máscaras ou julgamentos, criando um espaço seguro para que você visualize seu caminho, trace seus projetos e redirecione sua vida. Mais do que uma abordagem terapêutica, a ACP é um estilo de vida que respeita a qualidade e o tempo de cada indivíduo, promovendo um processo de autocompreensão e facilidades.

Carl Rogers, em suas pesquisas, evidenciou que a relação terapêutica, quando baseada em congruência, empatia e consideração positiva incondicional, é um poderoso recurso para transformação pessoal. Essa relação facilita o crescimento do indivíduo, permitindo-lhe acessar sua própria sabedoria interna e externa.

Para além de constituir uma prática terapêutica, o ACP configura-se como um estilo de vida que valoriza o respeito ao ritmo e às particularidades de cada indivíduo, oferecendo um

ambiente seguro para a exploração de caminhos, redefinição de projetos e acesso a fontes internas de sabedoria. O presente estudo ressalta a relevância de ampliar as perspectivas acerca do desenvolvimento humano, fomentando a realização de novas investigações sobre o tema. Nesse sentido, a ACP apresenta-se como uma ferramenta eficaz para o pleno florescimento humano em todas as suas dimensões

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Consideração Positiva Incondicional no sistema teórico de Carl Rogers**. Temas em Psicologia - 2009, Vol. 17, no 1, 177 – 190. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n1/v17n1a15.pdf>. Acesso dia 20 de junho de 2022.

AMATUZZI, M. M. **Rogers: ética humanista e psicoterapia**. Campinas: Alínea, 2010.

APACP- ASSOCIAÇÃO PAULISTA DA ACP. **O que é a ACP?** Disponível em: https://apacp.org.br/o-que-e-a-acp/?fbclid=IwAR2R_M1_R9DDC1whccZjuvGZllr78ARASuxK8cH30A0tmMUIwHiezx9hh6w. Acesso no dia 20 de maio de 2022.

BRANCO, Paulo Coelho Castelo. **A Ideia da Consideração Positiva Incondicional como Epoché: Limites e Suspensão do Quê?** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v20nspe/v20nspea06.pdf>. Acesso no dia 16 de maio de 2022.

BELÉM, Diana. **Carl Rogers: do diagnóstico à abordagem centrada na pessoa**. Recife: Bagaço, 2000.

BIAGGIO, A. (1978). **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes.

BRUNS, M. A & Trindade, E. **Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger**. São Paulo: Ômega, 2001.

CARRENHO, Esther; TASSINARI, Márcia e Pinto, PINTO, Marcos Alberto da Silva. **Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa: Dúvidas e perguntas mais frequentes**. São Paulo: Editora Carrenho, 2010.

DESSEN, M. A.; COSTA JÚNIOR, A. **A Ciência do Desenvolvimento Humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

FERREIRA, Ezequiel Martins. **Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

FONTGALLAND, Rebeca Cavalcante, MOREIRA, Virginia. **Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers**. Disponível em:

<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/wp-content/uploads/2012/10/fontgallandmoreira01.pdf>. Acesso no dia 16 de maio de 2022.

GIOVANETTI, J. Prefácio. Em M. R. G. Esperandio & M. H. Freitas (Orgs). **Psicologia da religião no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2017.

GOBBI, Sérgio Leonardo & MISSEL, Sinara Tozzi (Org.). **Abordagem centrada na Pessoa: Vocabulário e Noções Básicas**. Tubarão: Ed. Universitária UNISUL, 1998.

HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma fenomenologia para e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. De Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

KINGET, G. M. A noção-chave. In: ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. v. 1, cap 2, p. 39-53.

MAIA Taíssa Lunara Lessa; ALMEIDA Mychael Douglas Souza de. **A Abordagem Humanista Existencial Centrada na Pessoa: um jeito de ser diante da vida**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/abordagem-humanista-existencial-centrada-na-pessoa-um-lessa-maia/?originalSubdomain=pt>. Acesso dia 18 de junho de 2022.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. PEREIRA, Gislaine Cristina. **Desenvolvimento Humano – repensando conceitos no âmbito interdisciplinar**. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 17 - n. 4 - Itajaí, out-dez 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/tonin/Desktop/marianass,+05%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/tonin/Desktop/marianass,+05%20(1).pdf). Acesso dia 20 de maio de 2022.

MOREIRA, Virginia. **Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Ls8wQg3NHdXzDxJ56Rw49qx/> . acessado no dia 10 de maio de 2022.

PAPALIA, Diane. E, FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 8º. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. O estudo do desenvolvimento humano. In: PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Amgh, 2013.

PAGÈS, M. **Orientação não diretiva em psicoterapia e psicologia social**. São Paulo: Edusp.1976.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Trad. Maria A.M. D'Amorim; Paulo S.L. Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

PINTO, Marcos Alberto da Silva Pinto. **Abordagem Centrada na Pessoa e Algumas de Suas Possibilidades**. São Paulo. Encontro ACP. Editora All Print. 2020.

Empatia na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$empatia](https://www.infopedia.pt/$empatia). Acesso dia 27 de junho de 2022.

RACHEL, Lea Rosenberg. **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa**. São Paulo. EPU, 1987.

ROGERS Carl R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROGERS, Carl R & KINGET, Marian. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROSSETI-FERREIRA, M. C. **Rede de Significações: alguns conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 23-34.

STANDAL, S. W. (1954). **The need for positive regard**. Tese de Doutorado. University of Chicago, Chicago.

WONG, P. T. P. **Existential psychology for thr 21st century**. International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy, 1 (1), 1-2. 2004.

WOOD, J. K. . Terapia de Grupo Centrada na Pessoa. In C. Rogers, J. K. Wood, M. M. O'Hara & A. Fonseca. **Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa** (pp.45-90). São Paulo: Summus, 1983.

WOOD, J. K. Prólogo. **Abordagem centrada na pessoa**. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.